

ARTIGO ORIGINAL

Espiritualidade, coletividade e saúde: diálogos entre o sistema médico guarani e a naturologia

Spirituality, collectivity and health: dialogues between the guarani medical system and naturology

RESUMO

A cultura influencia diretamente nos processos de saúde-doença. Objetivo: Com base na antropologia da saúde, este artigo objetiva descrever os conhecimentos e práticas de cura da aldeia indígena Guarani Brilho do Sol, localizada em São Bernardo, na grande São Paulo; e problematizar como os conhecimentos indígenas podem ser relevantes para a naturologia. Método: a pesquisa foi desenvolvida através de levantamento bibliográfico e trabalho de campo de inspiração etnográfica. Nas visitas ao campo foram vivenciadas as práticas de cura da tradição Guarani através de observação participante e entrevistas com detentores dos conhecimentos tradicionais. A descrição do campo seguiu princípios etnográficos. Posteriormente os dados foram correlacionados aos saberes naturológicos possibilitando um diálogo com os aspectos relevantes do sistema cultural de saúde Guarani. Resultados: Foi observado que na cultura Guarani prevalece um *ethos* espiritual como condição para a saúde, destacando a esfera da espiritualidade. Além disso, foi observado uma forte influência da dimensão de coletividade que se mostra essencial aos processos de cura. Considerações Finais: A espiritualidade é pouco abordada na naturologia, porém existe na base das principais medicinas tradicionais vitalistas. O sistema cultural de saúde Guarani contribui na problematização da espiritualidade e da implicação da coletividade nos processos de cura na naturologia, contribuindo com o aprimoramento do seu arcabouço teórico e do seu modelo terapêutico.

PALAVRAS-CHAVE: Antropologia médica. Espiritualidade. Povos indígenas.



Catharina Kulakauskas Chammas,

- Graduada em Naturologia pela Universidade Anhembi Morumbi.
- chammascatahrina@gmail.com

Ana Cláudia Moraes Barros Leite-Mor

- Graduada em Naturologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), diretora geral do Centro de Estudos de Promoção de Saúde e Potencialização da Vida (CEPVIDA).
- mor.anaclaudia@gmail.com

Diogo Virgílio Teixeira

- Graduado em Naturologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina.
- diogo.drogavegetal@gmail.com

CORRESPONDENTE

Catharina Kulakauskas Chammas

E-MAIL

nina.chammas@yahoo.com

Recebido: 20/05/2021

Aprovado: 12/02/2022

ABSTRACT

Culture influences directly in the process health-disease. Objective: Based on medical anthropology, this article intends to describe the knowledge and health practices of the Guarani indigenous village Brilho do Sol, located in São Bernardo do Campo, São Paulo; and problematize how the indigenous knowledge can be relevant to naturology. Methods: the research was developed through bibliographic survey and ethnographic inspired fieldwork. The healing practices of the Guarani tradition were experienced in field through participant observation and through interviews with traditional knowledge keepers. The field description followed ethnographic principles. Afterwards, the data was correlated to naturologic knowledge, allowing the dialogue between this knowledge and the most relevant aspects of the Guarani cultural health system. Results: We observed that the Guarani culture prevails a spiritual *ethos* as a health condition, underscoring the spiritual sphere. Furthermore, we observed a strong influence of the collective dimension, which shows itself an essential aspect in the healing process. Final considerations: There is little approach of spirituality in naturology, although it exists at the base of the main vitals traditional medicines. The Guarani cultural health system contributes with the spiritual problematic and the implication of collectivity in the healing process in naturology, contributing to its theoretical framework and therapeutic model.

KEY-WORDS: Medical anthropology. Spirituality. Indigenous people.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de um estudo de campo que objetiva descrever os conhecimentos e práticas de cura atuais e tradicionais da aldeia indígena Guarani Brilho do Sol, localizada em São Bernardo, grande São Paulo. Ademais, objetivou-se dialogar os saberes tradicionais de cura da aldeia Guarani Brilho do Sol com o campo de conhecimento da naturologia, visto que esta se fundamenta em medicinas tradicionais, no entanto, com pouca ou nenhuma ênfase nas medicinas tradicionais brasileiras.

A naturologia fundamenta-se no conhecimento de medicinas tradicionais e vitalistas, que têm como foco o ser humano e a integralidade de seu processo de saúde-adoecimento. Usa-se de uma visão multidimensional, que abarca diversos níveis ou dimensões do adoecimento, tais como físico, emocional, cultural, mental, social e espiritual¹. As medicinas vitalistas são sistematizadas pelo conceito de racionalidades médicas¹, a partir de pesquisas comparativas de diferentes propostas terapêuticas e sistemas médicos. Dentre estas medicinas, a naturologia embasa-se nos conhecimentos das medicinas tradicionais chinesa e ayurvédica e, eventualmente, em outras racionalidades em saúde, tais como antroposofia e homeopatia. Entre-

tanto, o campo de conhecimento naturoológico explora pouco o conhecimento das medicinas tradicionais brasileiras ou, ao menos, não com a mesma profundidade. Tal fato se dá, devido ao pouco conteúdo sistematizado academicamente na área da saúde sobre as medicinas tradicionais brasileiras, visto que a maioria destes conhecimentos e suas respectivas práticas advêm de tradições orais.

Especificamente sobre a medicina indígena, vivemos um contexto político complexo e polêmico, em termos da preservação dos conhecimentos de saúde e cura, bem como de outros saberes indígenas. Historicamente, muitos conhecimentos das tradições indígenas brasileiras perderam-se no decorrer do longo processo de colonização. A imposição de costumes modernos, de religiosidades europeias e outros modos de vida e comportamento, foram fatores que contribuíram para que a cultura tradicional tivesse cada vez menos espaço nas comunidades e fosse cada vez menos valorizada. No atual momento histórico político, vivenciamos outra ofensiva colonialista sobre os povos indígenas em todas as regiões do país, atreladas a disputa territorial e de recursos em suas terras. Diante disso, entendemos que a naturologia, por valo-

rizar a interculturalidade, a transdisciplinaridade e as perspectivas vitalistas e multidimensionais, deve incentivar a valorização e disseminação dos saberes indígenas e contribuir com o registro e manutenção das suas tradições.

Este artigo visa contribuir com a descrição e análise do sistema cultural de saúde Guarani na região metropolitana de São Paulo, de forma a valorizar uma parte fundamental da identidade da cultura Guarani: suas concepções e práticas de cura. Para realizar o diálogo entre as tradições de saúde Guarani e a naturologia, foram utilizados alguns conceitos amparados na antropologia, principalmente advindos da antropologia da saúde. O conceito de sistema cultural de saúde, criado por Arthur Kleinman, assume que a cultura e o meio social influenciam diretamente os processos de saúde/doença, tornando esses fatores essenciais para a compreensão da cosmovisão de saúde de um indivíduo ou grupo. Para Kleinman³, todos os itinerários e práticas terapêuticas partem de uma construção sociocultural, de forma que mesmo a biomedicina pode ser vista como um sistema cultural de saúde, uma vez que ela foi elaborada à luz da sociedade moderna ocidental que também possui seus valores simbólicos e culturais. Este conhecimento é embasado nas noções de universalismo/racionalismo e cientificismo/fisicalismo⁴.

Esther Jean Langdon⁵ entende a doença como uma experiência produzida culturalmente, ou seja, o modo como o paciente vivencia o processo de adoecimento e como ele se comporta diante dele são fatores determinados, em grande parte, por sua cultura e sua situação social. Langdon⁵ ainda ressalta: “A cosmologia de um grupo é também um fator influente na constituição dos itinerários de diagnóstico/tratamento”.

Assim, torna-se indispensável o estudo de todos os aspectos e processos de um grupo ou coletividade, para a compreensão de sua forma peculiar de conceber e tratar os processos de adoecimento. Como explica Langdon⁵: “A doença não é um estado estático, mas um processo de interação que requer interpretação e ação no meio sociocultural, o que implica uma negociação de significados na busca da cura”.

Alinhada com a antropologia da saúde, esta pesquisa assume um caráter etnográfico com a finalidade de desenvolver uma descrição e compreensão qualitativa do sistema cultural de saúde Guarani da Aldeia Brilho do Sol. Explicitando as diferenças metodológicas e epistemológicas da antropologia com relação a outras perspectivas científicas, Roberto Da Mata⁶ exalta a profundidade da antropologia, visto que trabalha com fenômenos complexos e dinâmicos que não são reproduzíveis em condições controladas. Ademais, Langdon⁷ alerta, por meio do conceito de relativismo cultural, sobre a importância de caracterizar as observações do campo de acordo com os valores do próprio povo em questão, tentando abstrair ao máximo os pré-conceitos e julgamentos advindos da cultura do pesquisador. Com isso objetiva-se acessar as perspectivas outras de compreensão e práticas relacionadas à saúde-adoecimento, sem que elas sejam apropriadas ou deturpadas de forma etnocêntrica por parte do pesquisador. Para ambos os autores, o método antropológico/etnográfico dá conta de abarcar a dinamicidade e a profundidade dos fenômenos fomentando a pluralidade e a complexidade das culturas e coletividades, de forma que consideramos esta perspectiva fundamental para esta pesquisa.

A partir desses referenciais teóricos, foram investigadas as práticas e concepções de saúde da comunidade Brilho do Sol, procurando-se compreender os saberes tradicionais de cura através de uma ótica sócio-cultural-antropológica. Uma vez assimiladas essas tradições e a forma de vivenciar e produzir saúde dos Guarani da Aldeia Brilho do Sol, traçamos uma discussão de como esse sistema cultural de saúde pode ser integrado às perspectivas vitalistas, de forma a contribuir com a prática e produção teórica no campo de conhecimento naturoológico.

Existem poucos trabalhos acadêmicos sobre medicina tradicional indígena na região metropolitana de São Paulo, apesar de haver muitas comunidades indígenas originais desta região e diversas comunidades formadas por descendentes que migraram de outras regiões⁸. Em levantamento bibliográfico realiza-

do na fase exploratória desta pesquisa, nas bases de dados Scielo e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), não foram encontradas publicações sobre a visão e as práticas de saúde, bem como de outras características e aspectos culturais, de comunidades indígenas na região metropolitana de São Paulo. Por mais que o contato com a urbanização possa distanciar os povos indígenas de sua cultura original, na cidade de São Paulo ainda existem muitas aldeias Guarani que mantêm saberes e práticas tradicionais. Dessa forma, é de grande importância a valorização e preservação destas comunidades no desafiador cenário político e social em que os povos indígenas se encontram.

MATERIAIS E MÉTODO

A pesquisa foi realizada em cinco etapas, sendo: 1) levantamento bibliográfico acerca da antropologia da saúde e do conhecimento das práticas e concepções de saúde dos Guarani; 2) preparação para o trabalho de campo, através de leitura e estudo da perspectiva antropológica etnográfica; 3) realização do trabalho de campo; 4) redação descrição e problematização dos dados colhidos em campo respeitando-se a perspectiva etnográfica e 5) análise e problematização dos resultados junto a perspectiva multidimensional da naturologia.

Quanto a primeira etapa de pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico na BVS, buscando-se conhecer a bibliografia sobre as concepções e práticas de saúde dos Guarani no Brasil e América Latina. Não foram encontrados estudos referentes às populações Guarani do estado e região metropolitana de São Paulo. No que tange ao campo da saúde, os estudos levantados versam em grande parte sobre intervenções nas políticas públicas de saúde necessárias para haver uma atenção diferenciada no atendimento aos povos indígenas⁹⁻¹⁰⁻¹¹⁻¹². Sobre concepções de saúde, os estudos abrangeram em sua maioria os estados do Amazonas e Pará¹³⁻¹⁴⁻¹⁵⁻¹⁶⁻¹⁷. Quando voltados especificamente aos Guarani, a maioria se direciona a condições de saúde nas aldeias ou alguma patologia específica, e em grande parte na região sul do Brasil¹⁸⁻¹⁹⁻²⁰⁻²¹.

Na segunda etapa foram abordadas as antropólogas Esther Jean Langdon, Andrea Caprara e Lucyla Paes Landim e os antropólogos Roberto da Matta, Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz Fernando Dias Duarte, que discutem metodologicamente e epistemologicamente o fazer antropológico enquanto método e campo de conhecimento. A partir desses autores foi possível problematizar a abordagem do campo de pesquisa, culminando na proposição do método deste estudo.

A terceira etapa consistiu na realização do estudo de campo que foi desenvolvido ao longo de 3 meses através de visitas a comunidade Brilho do Sol, com observação participante, vivência dos processos e rituais de cura e conversas com membros da comunidade. Nestas visitas ao campo, foram realizadas anotações rápidas em caderno de campo, para que detalhes importantes fossem lembrados. Tais anotações foram fundamentais para a realização da etapa seguinte e confecção do diário de campo, conforme propõe Roberto Cardoso de Oliveira²². As conversas para a coleta de dados mais específicos sobre as experiências vivenciadas, foram realizadas com a líder da comunidade e com o principal detentor dos conhecimentos e práticas relacionadas à saúde, o *tcheramoi*. A liderança explicou um panorama mais geral sobre as práticas de saúde na aldeia. Com o *tcheramoi* foram realizadas conversas mais específicas sobre a reza, os ritos, a história, as influências culturais e a visão de saúde Guarani. Todas as visitas a campo, conversas e participações nos rituais da comunidade foram previamente autorizadas pela líder da comunidade, que foi devidamente informada da existência e participação na pesquisa.

Após as observações e anotações de campo é preciso transcrever os dados e organizar os conhecimentos adquiridos, e para isso tomamos como base alguns conceitos da antropologia. O relativismo cultural⁷ aponta a importância de caracterizar as observações do campo de acordo com os valores do povo em questão, tentando abstrair ao máximo os pré-conceitos e julgamentos advindos da criação e cultura do pesquisador. Frequentemente o pesquisador também vai se deparar com costumes internos não padronizados em nenhum sistema cultural propriamente dito.

A pesquisa etnográfica se dá a partir de etapas específicas e essenciais. Segundo Oliveira²² os passos para uma boa observação de campo são os atos de olhar e ouvir. O olhar deve ser treinado a partir de um estudo prévio acerca da teoria antropológica e da cultura em questão, facilitando a identificação das características únicas daquele campo e das características padrão da cultura no geral. Já o ato de ouvir está associado a interação do pesquisador com os nativos. O pesquisador deve tentar ao máximo naturalizar sua presença em campo, para melhorar a comunicação e receptividade dos nativos. Após o olhar e ouvir, Oliveira sugere que a escrita seja feita em duas etapas: estando no campo e fora dele. No campo, são feitas anotações rápidas e no fim do dia um detalhamento das experiências no diário de campo. Roberto Da Matta⁴ reflete sobre a escrita e o trabalho antropológico de forma a enfatizar as emoções e os conflitos internos com os quais o pesquisador se depara. No entanto, considera que esses eventos podem também auxiliar a pesquisa: a relação de empatia e a boa adaptação do pesquisador entre os nativos serão cruciais para obter um retorno positivo por parte da comunidade, admitindo que é mais fácil se colocar à disposição de quem lhes tem afeição. Tais proposições e perspectivas antropológicas inspiraram todo o trabalho de campo desta pesquisa, de forma que a vivência na aldeia foi permeada por estas instruções.

A quarta etapa consistiu na fase de escrita etnográfica. Esta forma particular de escrita trata-se da redação detalhada e completa da experiência vivenciada no campo, bem como dos dados colhidos. Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, ela “procura entender os significados, as experiências e, muitas vezes, é flexível, dinâmica”²³. Portanto, essa forma de escrita se aprofunda nos fenômenos mais do que apenas os relata. Roberto Cardoso de Oliveira afirma que a etnografia pode ser feita em primeira pessoa já que “o autor não deve se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente”²². Para Oliveira²², essa escrita é o momento em que o pesquisador tira suas conclusões e pensa sobre a experiência, já que o ato de pensar é indissociável ao de escrever.

A última etapa consistiu na análise interpretativa com base nos conceitos de antropologia da saúde e no referencial de Langdon⁷ sobre os sistemas culturais de saúde. Ademais, houve a problematização da importância dos conhecimentos sobre saúde e adoecimento Guarani para o campo de conhecimento e prática naturológica.

RELATO ETNOGRÁFICO

A presente seção consiste no relato etnográfico das vivências no campo de pesquisa Aldeia Brilho do Sol. Escrita em primeira pessoa, a etnografia propõe descrever em detalhes o que foi observado, a fim de que o leitor se sinta mais próximo da experiência do autor.

A Aldeia Brilho do Sol se estabeleceu às margens da represa Billings e o acesso só é possível por barco ou por uma trilha de aproximadamente um quilômetro em mata fechada. Está dentro do território demarcado “Terra Indígena *Tenondé Porã*”, que se estende por aproximadamente 15.969 hectares²⁴. Atualmente vivem na aldeia 12 famílias, formadas por cerca de 40 pessoas, e diversos animais. A aldeia conta em grande parte com doações de alimentos não perecíveis e ração para sustentar a todos. A tradição Guarani se mostra bastante presente, assim como podem ser percebidas claramente as diversas influências culturais externas.

Foram realizadas 5 visitas dentre os meses de setembro de 2019 e janeiro de 2020, para a observação do cotidiano dos Guarani da Aldeia Brilho do Sol. Esses relatos serão escritos juntos, apesar de terem ocorrido com espaços de tempo entre as visitas. Foram sumarizadas as observações de eventos comuns a todos os dias, ou seja, o cotidiano propriamente dito, ao passo que foi dada ênfase a alguns momentos específicos mais relevantes para a presente pesquisa.

O NHEMONGARAI

A Aldeia Brilho do Sol não é facilmente acessível. O melhor meio para chegar até ela é o carro e, mesmo assim, ao chegar lá ainda é preciso passar por uma trilha de nível médio a pesado dependendo das chu-

vas. Saímos cedo, eu, Zé e uma indígena ex-moradora da aldeia chamada *Jetchuka*. Terminando o trecho de estrada de terra, chegamos ao começo da trilha às 9:30 da manhã. Como é de costume, os *jurua's* sempre levam alimentos não perecíveis e outras doações quando visitam a aldeia. No caso éramos eu e o Zé. Ele visitava a Brilho do Sol com frequência, além de outras aldeias Guarani, e foi quem me ajudou a entender como eu deveria me comportar sem desrespeitar os costumes Guarani.

Carregando sacos pesados de alimentos e um de milho, subimos a trilha com um pouco de dificuldade, principalmente no início, pois era muito íngreme e o chão de terra um pouco escorregadio. O caminho era bem demarcado, apesar de estreito, e a mata nos encobria do sol que já estava forte. Pude sentir a umidade da mata atlântica aliviando ao calor de andar e carregar peso. *Jetchuka* subia com bastante facilidade e praticamente calada. Acabando a trilha, já havia algumas casas feitas com paredes de barro em pequenas clareiras. O chão era quase todo de terra batida, inclusive dentro das casas, e em volta ficava a floresta. Galinhas e patos andavam soltos, mas sempre estavam perto de alguma das residências. Enfim, chegamos na casa da Lucimara (liderança da aldeia) onde eu descarreguei o pesado saco de milho do ombro para o chão. Lá estavam Lucimara, Lídia e o *Karai*, que segurava um pequeno bebê nos braços. Sorriam com a nossa chegada. Lídia amassava uma grande porção da massa de *tipá* (pão típico da cultura Guarani) e com a mão coberta de farinha, apertou minha mão dizendo: "*Javy' ju!*" (bom dia!). Havia uma pequena fogueira acesa no meio de um quadrado de troncos, que serviam como bancos. Este lugar era como a "sala de estar" onde as pessoas se reuniam, apesar de ser fora da casa. Havia um teto de lona sustentado por estacas de madeira. A jarra d'água que fervia na grade da fogueira, a grande bacia de *tipá* que Lídia tinha ao colo e alguns cachorros esquentando-se ao fogo compunham a cena. Também havia galinhas e patos com seus filhotes andando nos arredores. Sentamos nos troncos juntando-nos a eles.

Em uma breve conversa em português, perguntavam como estávamos e como tinha sido a viagem.

Depois, eu e Zé apenas contemplamos inquietos os diálogos em Guarani por um longo tempo. Eles falavam alto, em frases curtas, e riam bastante. Às vezes havia um silêncio longo, onde ouvia-se bem o som das cigarras na mata não muito distante de onde estávamos. Eu observava o fogo que era constantemente alimentado por alguém. Pegando uma pequena madeira em brasas, o *Karai* colocava-a em seu cachimbo para acendê-lo e pitava enquanto observava atenciosamente tudo e todos. Os cachimbos Guarani (*petyngua*) são feitos de um longo e fino cano de bambu conectado a uma outra parte em formato de caneca, feita de madeira ou barro. É um objeto importante nessa cultura, pois é o meio de utilização do tabaco, planta que para eles possui a função de acessar a espiritualidade.

Jetchuka pegou uma cuia de chimarrão, igual as que se usam na cultura do Rio Grande do Sul. Com cuidado, ela preparou o chá e começou a beber. Pelo que pude observar em outras vivências com os Guarani, a panela de água está quase sempre presente nas chamas das casas e exerce diversas funções dependendo do contexto. Na casa de reza, toma-se água quente logo após o término de uma prece individual no altar com o *petyngua*, para limpar a região bucal. A água também pode ser simplesmente para preparar o café. Naquele momento era para o mate (*kaá*). Quando *Jetchuka* terminou de tomar, acrescentou mais água quente e ofereceu a cuia para mim. Eu sorri e tomei um gole, supondo que deveria passar adiante na roda do mesmo jeito que faziam com o *petyngua*. Me enganei. Zé, rindo junto com os outros, me devolveu a cuia dizendo: "você tem que tomar tudo antes de passar". Um pouco envergonhada, eu ri colocando o canudo de volta na boca. "Tá aprendendo a ser Guarani" disse Lucimara.

Finalmente descemos para a casa de reza (*opy*) onde aconteceria o *Nhemongarai*, ritual da bênção do mate. É um ritual que simboliza o começo de um novo ciclo, tempo de desfrutar da colheita. Agora, especificamente, a colheita da erva mate. A *opy* era uma construção de barro retangular, com duas portas estreitas e nenhuma janela. O teto era feito de folhas secas e tinham pequenos furos que permitiam a

entrada da luz solar. O chão era de terra pisada como na maior parte da aldeia e em uma das paredes havia o altar, que era simplesmente uma tábua de madeira servindo de prateleira para dois violões e alguns pequenos objetos como cuias e cachimbos. Ao fundo, estavam algumas cadeiras desordenadas, colchões, cobertores e a típica fogueirinha cuja fumaça se juntava a dos cachimbos e preenchia o ambiente (fumaça que fez meus olhos arderem até o fim da cerimônia). Me sentei em um dos bancos de madeira ao fundo e coloquei a máxima atenção que pude na observação, apesar da dificuldade de manter os olhos abertos.

O primeiro dia, dos dois dias de cerimônia, era a parte dos homens. Os que se preparavam para participar eram em sua maioria jovens, que tinham os pés descalços e artesanatos indígenas pendurados pelo corpo como colares, pulseiras e caneleiras. Antes de entrar na *opy*, eles juntavam maços de erva mate amarradas em um barbante vermelho e depois entravam cada um segurando um maço pendurado por detrás do ombro. As mulheres a princípio estavam sentadas no fundo da *opy* com as crianças. Todos aguardavam a chegada do *tcheramoi*, o mais velho da aldeia, que tem uma posição de muito respeito e é quem faz as curas espirituais, grande parte das rezas e outras cerimônias com o *petyngué*. Quando ele chegou, todos o cumprimentam apertando a mão e sorrindo. Com a fogueira acesa, a fumaça de cachimbo no ar e o *tcheramoi* devidamente preparado pondo-se a frente, os homens e mulheres se levantaram para começar a reza.

Em uma fila horizontal na frente os homens cantavam batendo o pé, alguns com seu *petyngué* e o *tcheramoi* na frente do altar rezava com a fumaça. As mulheres também enfileiradas cantavam de mãos dadas logo atrás da fileira dos homens, fazendo pequenos balanços com o corpo acompanhando o ritmo das canções. O jovem que tocava o violão ficava à frente, junto ao *tcheramoi*. O violão usado para as rezas Guarani tem uma afinação característica deles, além de ter apenas quatro cordas. Eles não executavam acordes, apenas ritmavam uma batida encaixando nas letras das músicas.

Depois de muitos cantos, as mulheres se sentaram e os homens continuaram organizados em fila. Um de cada vez, eles começaram a se dirigir ao altar e penduravam os seus maços de mate em uma fileira, um do lado do outro, enquanto o *tcheramoi* os falava algo num tom baixinho. Após o último pendurar seu maço, eles formaram uma roda e seguiam andando passando pelos chumaços de erva penduradas e sopravam a fumaça do *petyngué* em cada uma, com intensão de benzimento. Depois seguiam até a frente do menino que estava com o violão e faziam uma espécie de cumprimento com as mãos para o alto e dobrando os joelhos três vezes. Quando saíam para se sentar, falavam “*Agyjete*” e todos presentes na *opy* respondiam em coro com a mesma palavra, que significa um agradecimento sagrado, usado apenas nessas ocasiões de reza.

Eu permaneci sentada enquanto algumas crianças Guarani vinham e se sentavam no meu colo, tentando se comunicar em português ou apenas me olhando intrigadas. Quando todos os homens voltaram a se sentar, apenas o *tcheramoi* ficou à frente do altar e pronunciou pequenos discursos. Todos ouviam atentos. Foi então que começaram os ritos de benzimento individual, que é para os Guarani uma “sessão” de cura. Como me foi explicado posteriormente, esses ritos tinham sempre a mesma estrutura: a pessoa que precisa ser curada vai à frente perto do altar, onde é posicionada uma cadeira. O paciente tira a blusa (inclusive se for uma menina, mas não há absolutamente nenhum constrangimento como haveria na cultura *jurua*) e o *tcheramoi* começa falando poucas palavras, permanecendo sempre com o cachimbo na mão. Ele vai soprando a fumaça do *petyngué* ao se aproximar da pessoa e ao chegar ele começa a sugar algo do corpo do doente. Depois de cada sugada, ele cospe no chão, ou na mão de um ajudante que fica em pé ao seu lado. Nesse caso ele realmente cospe algo sólido que não pude ver de perto. Ele faz isso inúmeras vezes e no final diz algumas palavras. Então a pessoa volta a se vestir e o próximo vem a frente repetindo o rito com cerca de 5 pessoas. Uma delas era um bebê que chorava o tempo todo e ficou no colo da mãe. Todos que estavam

presentes apenas fumavam seus cachimbos ou observavam a cena, sempre quietos. Foram 3 horas totais de cerimônia entre rezas, cantos e falas.

No domingo foi o dia das mulheres. Depois de uma manhã Guarani tradicional, com café e *tipá*, algumas pessoas estavam reunidas na fogueira ao lado da casa de reza e comiam o milho que nós trouxemos no dia anterior. Outras mulheres estavam fazendo as preparações para a cerimônia do dia. Aquelas folhas de erva mate que os homens tinham pendurado no altar, agora estavam sendo colocadas em trouxinhas de pano e as mulheres batiam nas trouxinhas com um pedaço de pau para macerar a erva ao máximo, até que virasse um pozinho verde.

O pó foi separado em pequenas porções colocadas em potinhos de plástico e cada mulher pegou seu potinho para começar a segunda parte do *Nhemongarai*. Eu estava em pé na porta da *opy* quando a Lucimara me entregou um potinho. Eu entendi que iria participar. Sorri agradecendo, mas fiquei um pouco tensa. O que precisaria fazer? Como deveria me comportar? Perguntei ao Zé e ele disse que só precisava copiar o que todas faziam. Bem, já tinha dançado com elas na última noite apenas copiando seus passos, então me tranquilizei. Entrei na *opy* junto a *Jetchuka* e me posicionei de pé ao lado das outras mulheres. Começamos em duas fileiras horizontais, uma mão segurando o potinho e a outra segurando na mão de quem estivesse ao lado. Dançamos batendo o pé no chão e cantamos alto. O *tcheramoi* ficava na frente do altar junto com um jovem que tocava o violão para acompanhar o canto.

Dessa vez eram os homens que permaneciam sentados e cuidavam das crianças no fundo da *opy*. Diferente do dia anterior, as mulheres que iriam participar variavam de idade, desde pequenas crianças até algumas de mais idade, apesar das mais velhas ficarem sentadas. Mais uma vez se formava uma roda e assim como os homens haviam feito, uma de cada vez ia a frente e colocava seu potinho no altar, no lugar indicado pelo *tcheramoi*. Acredito que ele falava algo a mais para elas, mas na minha vez ele apenas indicou onde colocar o potinho, falando em português. Voltamos a ficar em roda an-

dando em direção do altar e no final fizemos o agradecimento como os homens fizeram: de frente ao jovem do violão, braços para cima, agachando três vezes dizendo “*Hae*” no final. O jovem do violão respondia com a mesma palavra. Voltamos a sentar.

Para finalizar, o *tcheramoi* batizou um bebê, o mesmo que tinha feito o rito de cura no dia anterior. No batismo o bebê recebe um nome que é enviado por *Nhanderu* ao *tcheramoi* depois de um longo tempo de reza. É um nome sagrado e que revela a “identidade” espiritual da pessoa. Os Guarani são registrados com um nome em português ao nascer, sendo esse nome em Guarani recebido apenas depois de alguns meses de vida. Foi então que recebi uma surpresa. *Jetchuka* veio até mim e falou que eu iria ser batizada com um nome Guarani. Zé já tinha seu nome e me contou que eles batizavam os *Juruá* que conviviam com eles e participavam de um *Nhemongarai*. O *tcheramoi* se colocou diante de mim, falou algumas coisas em Guarani e depois em português perguntou: “você quer receber o nome?” “Sim!” eu disse sorrindo. Ele soprou a fumaça do *petyngué* em meus pés, barriga e garganta, falando algumas palavras em tom baixo, diferente de antes. Depois de um tempo em silêncio, anunciou meu nome e me explicou seu significado.

Por fim, arrumamos um pouco o espaço e saímos da *opy*. Meus olhos tinham praticamente se acostumado com a fumaça e não estavam ardendo como no dia anterior, mas foi bom respirar o ar de fora. Os integrantes da aldeia haviam permanecido na *opy* do começo ao fim na cerimônia. As crianças saíram correndo para fora e percebi que não prestavam muita atenção no que acontecia durante a cerimônia, mas respeitavam o espaço utilizado pelos mais velhos. Os jovens participaram de tudo. Eu e Zé pegamos nossas malas e partimos depois da despedida.

O COTIDIANO GUARANI

O amanhecer na Aldeia Brilho do Sol é completamente diferente de tudo que já vivenciei. A fumaça já está no ar desde as 7 da manhã, pois as grandes panelas de água precisam ferver com pequenas fogueiras, estas que estão sempre presentes nas casas Guarani. Quando saio da minha barraca vejo uma

ou duas crianças correndo de um lado para o outro, alguns adultos isolados pitando seus *petynguás* enquanto contemplam a mata e outros reunidos em volta do fogo. Um bebê chora, sua mãe grita para alguém pegá-lo no colo e assim é feito.

Eu aprendi a fazer *tipá*, o pão que hoje em dia é frito e os Guarani comem todos os dias. Lídia, uma indígena que costuma cozinhar para todos, me contou que a alimentação deles mudou muito ao longo dos últimos tempos. Antes, o *tipá* era feito sob as brasas da fogueira só com farinha e água. Com a chegada do óleo de soja nas comunidades muitas receitas e hábitos alimentares se transformaram. Lídia, mesmo sabendo que isso não é muito saudável, me contou que achavam melhor assim, pois a alimentação na aldeia é baseada nas doações de alimentos não perecíveis, o que acaba diminuindo a variedade e as opções. A cultura ocidental teve grande impacto na alimentação e hábitos dos povos indígenas, o que pode ser notado pelo fato de que na Aldeia Brilho do Sol não se fazem mais hortas comestíveis, apesar da abundância de terra. Embora os Guarani sejam um povo tradicionalmente agricultor, sua relação com a agricultura se modificou justamente por terem se acostumado a comer o que chega na aldeia pelas doações ou o que eles aprenderam a comer com os *juruá*. Algo que observei que permaneceu da agricultura Guarani na Aldeia Brilho do Sol, foram os múltiplos pés de erva mate e de tabaco.

Se algo eu aprendi com os Guarani, é que na aldeia muitas coisas são feitas em conjunto. Algumas pessoas se responsabilizam pela comida enquanto outras olham as crianças. Depois todos se juntam para comer. As crianças são de todos e quando um bebê chora não é esperado que a mãe vá até ele, e sim, qualquer pessoa que não esteja ocupada. Cuidei algumas vezes de um bebê enquanto os pais estavam fazendo qualquer outra coisa. Isso não é considerado um favor, é simplesmente o modo como eles estão acostumados a viver. Apesar desses movimentos coletivos, também notei que é recorrente ver um Guarani em um canto qualquer pitando seu *petynguá* e “pensando sobre a vida”, como me contou uma moça sobre seus momentos de isolamento.

Depois de comer *tipá* e tomar café ou mate, isso já pelas 11h da manhã, todos vão para seus afazeres. Na Brilho do Sol algumas pessoas se deslocam para trabalhar, mas tendo em vista o difícil acesso à cidade muitos permanecem na aldeia cuidando da família, das plantas e dos animais. Lucimara, a *Karái* (liderança), às vezes vai trabalhar na aldeia maior do complexo *Tenondé Porã* e fica alguns dias por lá, pois as aldeias também são distantes uma da outra. As aldeias maiores, contou Lucimara, tem uma estrutura bem diferente para receber turistas, com banheiros e salões grandes. O turismo é uma das maiores fontes de renda de algumas aldeias, apesar de alguns indígenas não se sentirem muito à vontade com isso. Lucimara disse que a Brilho do Sol se formou a partir dessa demanda, vinda de alguns integrantes de uma aldeia maior, de ter um espaço mais reservado, embora os moradores tenham se estabelecido por diversos motivos nesta aldeia.

O fato de não falar Guarani muitas vezes me deixava perdida. A convivência e os contextos ajudam a entender certas coisas, mas ainda é pouco. Nenhum Guarani chegou a me falar com essas palavras, mas pude sentir que eles gostam de ensinar a cultura para os *juruás*. Alguns deles não sabiam quase nada de português, mas se esforçavam nos gestos e nas poucas palavras. Outros já falavam com mais facilidade, mas ainda assim só falavam o necessário. Conversei apenas com um Guarani que falava muito em português e parecia gostar de contar suas histórias. Felizmente, esta era uma pessoa importantíssima para meu trabalho: o *tcheramoi*, meu principal interlocutor de pesquisa. *Tcheramoi* é o nome que se dá para o agente de cura, rezas e é o mais respeitado da aldeia por ser o de mais idade e, portanto, o maior detentor e especialista dos conhecimentos ancestrais Guarani.

O *tcheramoi* da Brilho do Sol é um senhor simpático e sorridente. Um dia eu estava lá com mais um grupo de jovens que visitavam a aldeia. Depois do almoço fizemos uma visita à casa do *tcheramoi*. Estávamos do lado de fora da casa, eu sentada em um tronco cortado e descalça sentindo a terra pisada e úmida depois da chuva. O *tcheramoi* estava em

uma cadeira de plástico branca e outras pessoas sentadas no chão. Ele falava sobre as rezas e a importância delas para os Guarani. Contou que era o responsável pelas rezas há muito tempo e que aprendeu tudo o que sabia pela presença desde pequeno nesses ritos. “É bem grande nossa comunidade aqui” ele dizia, “e a gente tem bastante trabalho para cuidar das pessoas. Eu faço minha reza com o cachimbo todo dia e quando alguém precisa eu já to preparado pra cuidar”. Ele se referia aos benzimentos individuais, relatados anteriormente na descrição do Nhemongarai, onde a pessoa que está sendo curada recebe a fumaça soprada em seu corpo, enquanto os outros cantam ou o *tcheramoi* reza. Continuou: “Quando eu sopro a fumaça na pessoa, ela tá com coisa ruim dentro dela. A fumaça tira tudo isso e a reza ajuda a trazer as coisas boas”.

Perguntaram para quem eles rezavam. O *tcheramoi*, sorrindo, respondeu: “*Nhanderu* é nosso Deus, mas tem vários espíritos pra rezar. Tem o sol, tem a terra, tem os espíritos do mato. Mas é *Nhanderu* que comanda tudo. Se chover, foi *Nhanderu* que mandou. Se fizer sol também. *Nhanderu* sabe tudo que tem que fazer.” Eu observava o brilho dos olhos e as mãos gesticulando enquanto ele falava. Perguntei como era a influência da igreja católica hoje nas aldeias Guarani e ele contou que os Guarani também acreditam no Deus dessa igreja, “Só que a gente chama de *Nhanderu*” disse. “Eu leio a bíblia também, na outra aldeia que eu morei a gente ia na igreja dos *Juruá*. E a gente fez a bíblia em Guarani, eu que ajudei a traduzir.” Então ele se levantou e entrou em sua casa. Voltou com um pequeno livro preto na mão e nos mostrou a bíblia em Guarani. Disse que não estava completa e que não existiam muitas impressas.

Depois de um tempo em silêncio, apreciando nosso interesse pelo assunto, o *tcheramoi* continuou falando sobre as rezas na *opy*. “A gente tem a *opy* que é como se fosse nossa igreja, mas não é, porque a igreja dos Guarani é em qualquer lugar. *Nhanderu* tá em todo o lugar”. Também nos explicou que as músicas da casa de reza são para *Nhanderu* e para trazer “coisas boas”, como ele disse. “Mas a gente pode cantar fora da casa de reza também e a gente vai tá rezando

igual.” Todos contemplavam e concordavam com a cabeça enquanto o *tcheramoi* falava. Foi uma boa conversa, que depois aprofundei em outro dia com ele.

Após presenciar um ritual de cura individual na *opy*, fui conversar com o *tcheramoi*. Ele gostava de falar. Perguntei sobre outras práticas de cura dos Guarani além das rezas. Ele falou que às vezes fazia uma “garrafada” (chá de ervas) para quem estava muito doente, mas normalmente só a reza com o *petyngué* já era o suficiente. Perguntei sobre o uso das plantas para diversas pessoas na aldeia, mas ninguém falou sobre alguma planta específica. Senti bastante resistência quanto a esse assunto com todos que conversei. O *tcheramoi* me esclareceu uma coisa importante: “Quase tudo dos Guarani é espiritual. As plantas ajudam a gente, mas sem a reza a gente não cura nada.” Foi o que descobri posteriormente ser o *ethos* Guarani, ou o modo de viver Guarani. É um *ethos* espiritual, que permeia todas as áreas da vida e do cosmos, inclusive o sistema de saúde.

Além dessas conversas também pude vivenciar esse *ethos* Guarani na prática. Ao entardecer, cada família sai de sua casa e se direciona à *opy*. Sem a luz do sol, a casa de reza é completamente iluminada pela fogueira. Algumas crianças já estão dormindo no fundo enquanto os adultos se reúnem mais à frente. O primeiro momento é dedicado à uma fala individual. Percebi que qualquer um que quisesse podia se colocar à frente e falar, enquanto todos ouviam em completo silêncio. Algumas pessoas falam por muito tempo, outras menos e o último a falar é o *tcheramoi*. Depois de sua fala é que realmente começa a reza. Algumas pessoas vão a frente para dançar, cantar ou apenas para pitar seus cachimbos. Outros cantam, dançam e pitam ao mesmo tempo. Às vezes as mulheres dançam de mãos dadas, batendo com os pés no chão conforme o ritmo da música, ou balançando o corpo levemente para frente e para trás. Eu consegui acompanhar algumas músicas, mas fiquei observando na maior parte do tempo. Durante a reza algumas pessoas dirigem-se ao altar com seu *petyngué* e fazem uma reza individual. Lucimara me explicou depois que você deve seguir etapas específicas nessa reza, soprando a fumaça do cachimbo em

partes determinadas do altar, que é basicamente uma tábua de madeira presa sob a parede, onde eles depositam os objetos considerados sagrados. Cada parte simbolizando algo, alguém e *Nhanderu*. É lá que se fazem os pedidos pessoais ou apenas um agradecimento. Quando você acaba, tem sempre alguém para te dar um copo com água quente para enxaguar a boca. Ao finalizarem as músicas, todos voltam a sentar e ouvem mais algumas palavras do *tcheramoi* para finalizar. Então se abrem as duas portas laterais da *opy* e aos poucos eles começam a voltar às casas para dormir.

Conviver com os Guarani foi uma experiência muito marcante e expandiu minha percepção de mundo ao presenciar uma cultura tão diferente da minha. Os diálogos foram um tanto desafiadores levando em consideração a diferença da língua, mas ainda assim obtive um conhecimento enriquecedor para minha pesquisa.

ESPIRITUALIDADE E AS PRÁTICAS RITUAIS GUARANI

As práticas e saberes de saúde Guarani desenvolveram-se por meio do conhecimento empírico, passados de geração em geração pela tradição oral. Estes saberes estão continuamente sujeitos a apropriações culturais colonizadoras por parte das culturas ocidentais, de forma que a sua preservação é condicionada pela manutenção das tradições e da estrutura cultural e comunitária. Mesmo após mais de quinhentos anos de contato com os colonizadores europeus, os Guarani foram capazes de manter firmes muitos aspectos de sua cultura, incluindo sua língua materna e suas práticas de saúde. No entanto, é improvável que essas práticas tenham permanecido intactas ao longo de todo o processo enfrentado pela cultura Guarani desde a ocupação de terras, até a intervenção direta de não-indígenas em sua cultura.²⁵

Os Guarani, com razão, se mostram relutantes em falar sobre sua medicina tradicional aos não-indígenas. Por muitos anos, e ainda hoje, os povos originários sofreram abusos de pesquisadores que visavam encontrar remédios e curas com os elementos da natureza e intencionalmente, ou não, prejudica-

vam o povo Guarani em relação aos seus territórios e manifestações culturais²⁵. Devido a estas circunstâncias, ao curto período de pesquisa de campo e ao seu caráter exploratório, não foi possível o acesso a informações mais específicas, como as plantas medicinais usadas na aldeia. Considerando-se este contexto, e em conjunto com as lideranças da Aldeia Guarani Brilho do Sol, foi definido que esta pesquisa estaria voltada principalmente à cosmovisão de saúde dos Guarani.

Esther Jean Langdon² esclarece o conceito de sistema cultural de saúde, explicitando que todo o sistema de saúde tem influências culturais. A cultura nesta visão é o “contexto no qual diferentes fenômenos se tornam inteligíveis”²⁶, de forma que os costumes, valores, crenças e o modo de viver de indivíduos e coletivos tem um papel determinante no processo de saúde-adoecimento. O significado atribuído às doenças no meio social e cultural que um indivíduo está inserido influencia na maneira de enfrentar a doença e na escolha dos métodos de cura⁷. Nesta perspectiva, se torna de suma importância destacar os aspectos relevantes da cultura Guarani na Aldeia Brilho do Sol para se compreender sua forma de vivenciar os fenômenos de saúde-adoecimento.

Quanto a preservação das práticas e saberes de saúde Guarani na Aldeia Brilho do Sol, o principal detentor dos conhecimentos é o *tcheramoi*. É ele quem executa os rituais de cura e a maioria das rezas coletivas que são realizadas em reuniões na *opy*, espaço onde os integrantes da aldeia fazem suas práticas espirituais manifestadas através de cantos, danças e falas. Junto com essas ações coletivas, eles também fazem o uso do *petynguá* individualmente, que pode ser intencionado como uma reza pessoal numa cerimônia coletiva, ou em qualquer outro momento do dia. Os ritos de cura, momento em que as rezas são utilizadas com a finalidade de sanar males, são realizados pelo *tcheramoi*, que também utiliza o *petynguá* como instrumento principal para estes ritos.

No cotidiano dos Guarani, nota-se a presença constante da espiritualidade, visto que há uma cerimônia de reza quase todos os dias, além do ato de rezar (*pitar*) o *petynguá* em outros momentos do dia

como uma forma de devoção espiritual. Os Guarani da Aldeia Brilho do Sol mesclam com os afazeres cotidianos momentos de reflexão e silêncio, realizados individualmente, sempre acompanhados do *petyngúá*, como foi possível observar no convívio da aldeia. Estes momentos destinam-se a “pensar sobre a vida” e podem ser descritos como momentos de contemplação, no qual o indivíduo coloca sua atenção nas suas emoções e sensações, normalmente próximo ou imerso na mata, buscando refletir ou solucionar questões pessoais/relacionais. Os Guarani descrevem este isolamento como um momento de paz, demonstrando o efeito desta prática no seu bem estar mental-emocional-espiritual. Dessa forma, a espiritualidade para os Guarani é cotidiana e permeia todos os aspectos da vida social.

Essas características dos Guarani da Aldeia Brilho do Sol, é compartilhada pela cultura Guarani em geral. Egon Schaden²⁷, em sua extensa investigação antropológica dos Guarani do Brasil, descreve sobre a reza Guarani e sua importância:

O recurso sempre à mão de que dispõe o Guarani para provocar e ao mesmo tempo dar vazão a suas vivências religiosas é o *porahêi* ou reza. [...] Como tantas coisas na cultura Guarani, o *porahêi* é ao mesmo tempo uma expressão de individualismo e de coletividade. De um lado, faz parte de todas as cerimônias coletivas, das quais é inseparável, e de outro cada indivíduo em particular tem ou pode ter os seus *porahêi* próprios e inalienáveis. [...] É no sistema religioso que, apesar das grandes diferenças de um subgrupo para outro, a cultura Guarani encontra a expressão máxima de sua unidade fundamental. E é na religião que os mecanismos de defesa e as condições de resistência cultural aparecem da maneira mais manifesta (27).

Tal aspecto intrínseco, coletivo e ao mesmo tempo individual da espiritualidade e da reza Guarani é manifestado na fala do *tcheramoi* da Aldeia Brilho do Sol quando ele se refere a importância da *opy* sem restringir a experiência espiritual a este espaço físico ou ao espaço temporal do ritual coletivo. Os Guarani voltam-se para a reza em todas as situações de dificuldade e em todos os momentos do dia, seja para agradecer ao nascer do sol, seja para pedir por uma

boa noite de sonhos. A reza pessoal pode ser feita em cerimônias coletivas ou eventualmente durante dia.

A construção dos ritos de cura pautados na espiritualidade, denota um processo simbólico bastante comum em diversas culturas²⁸. Por sua vez, as práticas de cura na Aldeia Brilho do Sol são em si rezas e ritos espirituais. As rezas realizadas na *opy* são estruturadas em cantos iniciados pelo *tcheramoi* e acompanhados pelos demais membros da aldeia, que cantam e dançam essas músicas como uma forma de devoção espiritual. Basicamente, os rituais de cura tratam de purificar ou afastar males da pessoa adoecida através da fumaça do *petyngúá* e das rezas, que destinam-se a *Nhanderu* ou aos espíritos da natureza como o sol, a terra e os espíritos do mato e da floresta. O *petyngúá*, o tabaco e a fumaça produzida por eles mostraram-se os instrumentos centrais nos rituais, visto que essa fumaça é capaz de afastar os males, promover limpezas espirituais e ao mesmo tempo elevar as rezas, conectando as intenções de cura com os espíritos da floresta e com *Nhanderu*.²⁷

O *petyngúá*, sendo o grande instrumento ritual, é utilizado tanto pelo mediador dos rituais de cura como pelas demais pessoas que participam do ritual, sendo que ele pode, e deve, ser utilizado por todos os Guarani. Tal fato demonstra que o poder de reza, a comunicação com os espíritos e com *Nhanderu*, bem como os saberes relacionados à saúde não são propriedades exclusivas do *tcheramoi*, mas são compartilhados coletivamente, embora seja ele quem mais possua experiência para ensinar e guiar o uso ritual. Dessa forma, os saberes e práticas relacionadas à saúde são compartilhadas entre os membros da aldeia, e não restritas a determinados atores. No sistema cultural de saúde Guarani cada um torna-se agente direto de seus processos de cura, saúde e adoecimento, ao mesmo tempo que estes processos são compartilhados e sustentados coletivamente através dos ritos. Tal conformação promove um senso de responsabilidade dos Guarani quanto aos seus processos próprios e coletivos. Portanto, apesar do *tcheramoi* exercer um papel importante de cura na comunidade, cada um sabe da sua responsabilidade para o bem estar pessoal e coletivo, ressaltando o va-

lor dado a reza de cada pessoa e ao ato de consagrar o *petynguá* como prática espiritual.

Junta e inseparavelmente ao *petynguá*, o tabaco, considerado uma planta sagrada, é um elemento de cura coletiva e individual. Tal importância do tabaco é representada pelo próprio ritual descrito. Na Aldeia Brilho do Sol, são cultivados pés de tabaco junto com os de erva mate, sendo que a importância dada a estas plantas manifesta a conexão dos Guarani com elementos da natureza. A construção de algumas de suas práticas de saúde estão diretamente conectadas à saberes relacionados ao poder espiritual e curativo de plantas, no entanto este conhecimento não foi abordado nesta pesquisa devido a restrições éticas encontradas no campo.

Nos momentos rituais, nos quais a comunidade se reúne para rezar coletivamente, observa-se momentos de máximo respeito e comprometimento da aldeia com as tradições e sabedorias ancestrais, representadas ali na pessoa do *tcheramoi*. Outra prática que se relaciona com os rituais de reza e de cura, é a partilha dos membros da aldeia, com toda comunidade, de suas reflexões, pensamentos e necessidades. É possível observar que a partilha é um momento fundamental dos rituais na casa de reza, sendo o local privilegiado de resolução de problemáticas individuais e coletivas, inclusive de preocupações e situações que poderiam culminar no adoecimento físico, psíquico ou espiritual. Quando a aldeia como um todo está passando por alguma dificuldade, a questão é trazida à comunidade por um mediador depois da reza coletiva. Dessa forma, é possível observar a implicação de toda comunidade na busca por soluções para os problemas individuais e coletivos da aldeia, *modus operandi* que também é visto nos rituais de cura. Mesmo quando o *tcheramoi* está realizando um benzimento individual, pelo menos uma parte dos integrantes da aldeia está no mesmo ambiente, sustentando o canto coletivo ou mostrando-se presente para a pessoa que está doente. Essa implicação da coletividade se mostra como estruturante dos rituais, de forma que é possível observar que a cura não se dá por uma ação única e individualizada do *tcheramoi*, mas também pela ação sustentada coletivamente pela comunidade.

NATUROLOGIA, COLETIVIDADE E ESPIRITUALIDADE

Esta última parte da nossa reflexão destina-se a discutir as contribuições que os saberes do sistema cultural de saúde Guarani podem dar ao campo de conhecimento naturológico e sua estruturação teórica a partir das medicinas vitalistas. A naturologia propõe o diálogo entre os diversos sistemas terapêuticos e saberes em saúde de forma interdisciplinar e transdisciplinar, buscando desenvolver uma perspectiva complexa e multidimensional em saúde^{30,31}. No entanto, em termos das medicinas tradicionais vitalistas, a naturologia embasa-se majoritariamente nas medicinas orientais chinesa e ayurvédica, dando pouca ou nenhuma ênfase às perspectivas terapêuticas originárias do Brasil, como as medicinas indígenas, ou características do seu desenvolvimento histórico, como as tradições afro-brasileiras³². Neste contexto, objetivamos disparar algumas discussões acerca dos impactos e possibilidades de desenvolvimento do conhecimento naturológico a partir do estudo e diálogo com as tradições Guarani, representadas aqui pela Aldeia Brilho do Sol.

Vale ressaltar que a chamada “visão naturológica”, que seria o diálogo entre as diversas disciplinas e saberes que se integram no campo de saber naturológico, é o grande diferencial da naturologia³¹ e está em processo de estruturação intrinsecamente com o fazer teórico e prático deste campo. Para que essa visão não exerça o mesmo papel colonizador e etnocêntrico da abordagem biomédica, a visão naturológica deve conseguir integrar ao seu arcabouço um pensamento transcultural, de forma que este seja compreendido sob a perspectiva transdisciplinar e holista que propõe a naturologia. Isso não significa assumir tudo como verdade, mas analisar as origens e ângulos de visão a partir dos quais este pensamento foi construído.

É sob essa perspectiva que discutiremos o sistema cultural de saúde Guarani à luz da antropologia da saúde e o colocaremos em diálogo com a naturologia. De todos os aspectos que foram relatados acerca do trabalho de campo realizado na Aldeia Brilho do Sol, dois se destacaram como chaves para

o entendimento da cosmologia Guarani. O primeiro é a evidente relação dos Guarani com a espiritualidade. Como descrito anteriormente, na aldeia Brilho do Sol a espiritualidade é vivenciada cotidianamente, seja nos encontros coletivos ou nas práticas individuais. Isso se confirma pelo fato de que a principal prática de cura é um rito de cunho espiritual, além das rezas pessoais consideradas por eles como um meio de se obter bem-estar.

Da mesma forma que as medicinas orientais estudadas na naturologia, como o ayurveda ou a medicina chinesa, abordam dimensões além da física sem dissociá-las umas das outras³¹, os Guarani também reconhecem uma interligação entre corpo e espírito, afastando-se do que Luís Fernando Dias Duarte chama de fisicalismo, noção característica do modelo biomédico⁴. Além dessas dimensões não dissociadas nos indivíduos, a espiritualidade também tem um caráter unificador nas dimensões sociais e coletivas, uma vez que os ritos e rezos são os momentos onde todos os integrantes da aldeia se unem para resolução de problemas da comunidade. Neste sentido, a casa de reza (*opy*) simboliza não apenas um lugar de realização de rituais, mas também um lugar de partilhas, convivência, educação (através dos ensinamentos do *tcheramoi*) e de novo, saúde. A *opy* pode ser vista, portanto, como um templo, um hospital e uma escola simultaneamente, evidenciando o papel integrador exercido pela espiritualidade na cosmologia Guarani. Não estamos propondo aqui que os ritos ou rezos Guarani devam ser assimilados pela naturologia em sua prática clínica, senão buscamos refletir como um conhecimento milenar pode auxiliar a naturologia a pensar a vida de forma mais integrada, refletindo os processos de saúde/adoecimento de forma coletiva.

A naturologia preocupa-se em desenvolver uma perspectiva multidimensional do processo de saúde-adoecimento, assumindo que este processo se desdobra em níveis para além do corpo físico, sendo influenciado por padrões emocionais, relações pessoais, pela cultura, dentre outros fatores³⁰. Neste sentido, etiologicamente o sistema médico Guarani também é caracterizado por uma abordagem que

leva em conta as múltiplas causas para a origem das doenças, observando o aspecto biológico, assim como os aspectos psicológico e social das pessoas na busca pela cura “da pessoa total”³³. Conforme o relato etnográfico do presente artigo, pudemos perceber que é a partir da experiência espiritual que os Guarani integram todos os aspectos da vida e da saúde, demonstrando o caráter integrador da espiritualidade para esse povo. A naturologia, enquanto campo de conhecimento que busca ser ampliado, multidimensional e transdisciplinar, tem muito a aprender com a abordagem integradora da espiritualidade Guarani, assim como tem aprendido com a abordagem igualmente integradora da espiritualidade chinesa, manifestada na perspectiva taoísta.

A espiritualidade é um aspecto fundamental que compõe a vida de muitas pessoas que procuram a naturologia e, portanto, precisa ser observada na relação de interagência, assim como na construção do campo de saber naturológico. Porém, há um receio de se incluir essa dimensão nos discursos naturológicos devido a busca de reconhecimento científico pela naturologia. A universalização da ciência biomédica tornou a dimensão espiritual distante da produção acadêmica, entretanto essa dimensão continua sendo fundamental para entender o contexto cultural, a compreensão de mundo e até mesmo escolhas terapêuticas dos indivíduos e coletivos³⁴. De acordo com Diogo Teixeira³² este tem sido um desafio enfrentado pela naturologia:

Se por um lado os naturólogos defendem um novo paradigma em saúde que transcenda a visão mecanicista e determinista da abordagem em saúde hegemônica, por outro, é justamente perante a esta abordagem que a naturologia precisa se legitimar para regulamentar a profissão de naturólogo e inseri-la no sistema de saúde oficial.

A compreensão da espiritualidade Guarani em toda sua complexidade pode ajudar a naturologia a transcender as oposições natureza/cultura e corpo/mente, características da ciência ocidental moderna, a partir de uma proposta de educação em saúde que leve em conta os diversos aspectos integrados na dimensão espiritual. Claro que essa abordagem deve

levar em conta a espiritualidade do indivíduo ou grupo em questão, tornando essa dimensão um agente unificador na construção de uma prática transdisciplinar e multidimensional.

O segundo aspecto a se destacar da cultura Guarani é seu senso de coletividade. Essa característica cultural foi percebida em alguns momentos do trabalho de campo na Aldeia Brilho do Sol. O cuidado com as crianças, por exemplo, é coletivo e não restrito a mãe/pai. A partilha oral realizada na casa de reza é para toda a aldeia e o problema de uma família é também de toda comunidade. Não obstante, os rituais de cura são em sua maioria executados coletivamente, onde o indivíduo doente tem o apoio de todas as famílias e as músicas de reza são sempre cantadas e dançadas em conjunto. Essa percepção do adoecimento enquanto um evento coletivo é fundamental para construção de uma abordagem mais integral em saúde que considere o meio sociocultural como parte influenciadora nas experiências de vida e nos processos de saúde/doença. Embora essa abordagem coletiva da doença seja ainda renegada na abordagem hegemônica em saúde, ela é comum às culturas chamadas de tradicionais³ e por isso devem, cada vez mais, compor o diálogo de saberes em que se encerra o campo de saber naturológico.

Apesar de todo o diferencial de transdisciplinaridade da visão naturológica, a estrutura terapêutica da naturologia ainda é altamente influenciada pelo modelo biomédico (clínica individual) e pela psicologização do sofrimento³¹. Como pontua Teixeira, a clínica naturológica segue a construção de indivíduo característica do ideário individualista, que pressupõe um ideal de autonomia onde o indivíduo seria “autorrealizável e responsável por seu processo de saúde e doença”³¹. O autor destaca, ainda, que essa construção pode resultar numa culpabilização do sujeito que sofre, obscurecendo as influências sociais e culturais indissociáveis dos processos de adoecimento³¹, além de ser um pretexto para a negligência do poder público com relação a saúde da população. Neste sentido, compreender a forma coletiva como os Guarani abordam os processos de saúde/adoecimento pode auxiliar a naturologia a

pensar numa relação de interagência ampliada, que transcenda as paredes do consultório e leve os saberes naturológicos para comunidades e coletivos.

A proposta de ações coletivas e comunitárias já vem sendo realizada por estudantes e profissionais da naturologia em diversos contextos, principalmente dentro do Sistema Único de Saúde, como explica Teixeira³¹ ao analisar a atuação de uma naturóloga:

Ela realiza, ainda, visitas familiares com orientações em saúde, trabalho em salas de espera de postos de saúde - aproveitando um tempo que seria perdido para os usuários dos SUS - encontros comunitários em catorze comunidades para troca de experiências acerca das plantas medicinais, além de atuar, juntamente com outros profissionais, em grupos de saúde mental, gestantes, cuidadores, CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), entre outros.

De acordo com Conto e Hellman (2013)³⁵, também existem intervenções coletivas de naturólogos em UBS e centros de referências municipais, como da saúde do trabalhador. E ainda, o curso de naturologia conta com a disciplina “Abordagem terapêutica em grupo”, que visa preparar o profissional para atuar diretamente com grupos para fins terapêuticos.

Contudo, muitas vezes intervenções coletivas ainda trazem interpretações psicologizantes do adoecimento, o que pode não ter eficácia com determinados grupos culturais ou classes sociais. Lidar com as questões de saúde de forma coletiva, como fazem os Guarani, é uma forma de integrar as dimensões social e cultural na interpretação dos processos de adoecimento. Essa abordagem coletivista, ou holista, típica das culturas chamadas de tradicionais³, pode auxiliar a naturologia na construção de uma prática clínica que não se limite a visão psicologizante do ideário individualista.

Os Guarani se enxergam como um todo interdependente, onde cada pessoa, cada ser vivo e cada elemento da natureza é parte essencial e indissociável do cosmos. Numa sociedade onde os saberes são tão fragmentados como na sociedade ocidental, operar a transdisciplinaridade não é tarefa fácil. A naturologia enquanto campo de saber que pretende ser transdisciplinar tem muito a aprender com a cosmologia

Guarani, onde a espiritualidade integra todos os aspectos da vida e o sentimento de coletividade proporciona uma abordagem em saúde que não isola o indivíduo do seu contexto social e cultural, mas o integra a todo o cosmos. As reflexões apresentadas nesta discussão não têm a pretensão de encerrar o tema. Muito pelo contrário, elas buscam contribuir para iniciar e fomentar o diálogo entre a naturologia e as medicinas tradicionais brasileiras, representadas aqui pelo sistema médico Guarani observado a Aldeia Brilho do Sol, localizado na grande São Paulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do sistema cultural de saúde de comunidades indígenas apresentou-se, neste trabalho, como de grande potencial para observarmos e problematizarmos as limitações e restrições que a naturologia assume, ao adentrar no campo da saúde, dominado pela perspectiva biomédica.

Ao atestarmos a espiritualidade e a coletividade inerentes às concepções de mundo, às terapêuticas de cura e às práticas de saúde, presentes na aldeia Brilho do Sol, podemos refletir sobre nossas próprias proposições e práticas terapêuticas na naturologia. Estas últimas são majoritariamente influen-

CONFLITOS DE INTERESSE

Nada declarado

FONTES DE FINANCIAMENTO

Nada declarado

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Barros NF, Leite-Mor AC MB. Naturologia e a emergência de novas perspectivas na saúde. In: Rodrigues, D M O; Hellmann, F; Daré, P K; Wedekin, L M. (Org.). Naturologia: Diálogos e Perspectivas. 1ed. Palhoça: Ed. Unisul, 2012. v. 1, p. 19-33.
2. Luz, MT. Contribuição do conceito de racionalidade médica para o campo da saúde: estudos comparativos de sistemas médicos e práticas terapêuticas. In: Luz, MT, Barros, FB. Racionalidades médicas e práticas integrativas em saúde: estudos teóricos e empíricos. Rio de Janeiro: CEPESC/IMS-UERJ/ABRASCO, 2012. p. 15-24.
3. Kleinman AM. The failure of western medicine. *Hum Nat* 1978; 1(11):63-70. In: Langdon EJ. Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2014 Apr [cited 2020 May 24]; 19(4): 1019-1029. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000401019&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014194.22302013>.
4. Duarte LFD. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2003 [cited 2020 May 24]; 8(1): 173-183. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100013&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232003000100013>.
5. Langdon EJ. Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2014 Apr [cited 2020 May 24]; 19(4): 1019-1029. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000401019&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014194.22302013>.
6. DaMatta R. O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. In: Nunes EO. (Org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ciadas pelo modelo terapêutico já vigente no campo da saúde que advém da perspectiva biomédica, tendo seu enfoque na individualização e na biologização dos processos de adoecimento.

Neste sentido, a grande alteridade dos sistemas culturais de saúde indígenas pode ajudar a naturologia a romper com padrões de terapêutica, de relação profissional-paciente, de reducionismos quanto a compreensão do processo de saúde-adoecimento, entre outros fatores; mostrando-nos outras formas possíveis de propor o cuidado, implicar coletividades nas problemáticas de saúde, constituir redes de apoio e promover a autonomia e a corresponsabilidade quanto ao próprio processo de vida-saúde-adoecimento.

Quanto a espiritualidade, este estudo nos mostra que a naturologia necessita ampliar seus estudos quanto ao tema, explorando o papel que esta dimensão da experiência humana possui nos processos de adoecimento e nos processos de tratamento e cura. Neste lugar, as medicinas tradicionais brasileiras, tanto as afro-brasileiras como a indígena, objeto deste estudo, mostram-se de suma utilidade, visto que ambas têm a espiritualidade como o cerne de suas racionalidades terapêuticas.

7. Langdon EJ, Wiik FB. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. *Rev. Latino-Am. Enfermagem* [Internet]. 2010 June [cited 2020 May 24]; 18(3): 459-466. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692010000300023&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692010000300023>.
8. Talarico P. Onde estão os 21 mil indígenas da Grande SP. [publicação na web]; 2019 acesso em 2 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/guarulhos-e-osasco-o-passado-e-o-presente-indigena-na-grande-sp/>
9. Mota SEC, Nunes M. Por uma atenção diferenciada e menos desigual: o caso do Distrito Sanitário Especial Indígena da Bahia. *Saude soc.* [Internet]. 2018 Jan [cited 2020 May 24]; 27(1): 11-25. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902018000100011&lng=en. <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018170890>.
10. Langdon EJ, Garnelo L. Articulación entre servicios de salud y “medicina indígena”: reflexiones antropológicas sobre política y realidad en Brasil. *Salud colect.* [Internet]. 2017 Sep [citado 2020 Mayo 24]; 13(3): 457-470. Disponible en: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-826520170003000457&lng=es. <http://dx.doi.org/10.18294/sc.2017.11117>.
11. Ferreira LO. A emergência da medicina tradicional indígena no campo das políticas públicas. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [Internet]. 2013 Mar [cited 2020 May 24]; 20(1): 203-219. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000100011&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000100011>.
12. Ferreira LO. O desenvolvimento participativo da área de medicina tradicional indígena, Projeto Vigisus II/Funasa. *Saude soc.* [Internet]. 2012 May [cited 2020 May 24]; 21(Suppl 1): 265-277. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902012000500023&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000500023>.
13. Guimarães SMF. O sistema médico Sanumá-Yanomami e sua interação com as práticas biomédicas de atenção à saúde. *Cad. Saúde Pública* [Internet]. 2015 Out [citado 2020 Maio 24]; 31(10): 2148-2156. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015001002148&lng=pt. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00194414>.
14. Nogueira LMV, Teixeira E, BPC, Motta MCS. Therapeutic itineraries and explanations for tuberculosis: an indigenous perspective. *Rev. Saúde Pública* [Internet]. 2015 [cited 2020 May 24]; 49: 96. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102015000100274&lng=en. Epub Jan 22, 2016. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2015049005904>.
15. Pérez-Gil L. O sistema médico Yawanáwa e seus especialistas: cura, poder e iniciação xamânica. *Cad. Saúde Pública* [Internet]. 2001 Mar [cited 2020 May 24]; 17(2): 333-344. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2001000200008&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2001000200008>.
16. Scopel D, Dias-Scopel R, Langdon EJ. A cosmografia Munduruku em movimento: saúde, território e estratégias de sobrevivência na Amazônia brasileira. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas.* [Internet]. 2018 Aug [cited 2020 May 24]; 13(1), 89-108. <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000100005>.
17. Vidilli WF, Leila SPC. Estudo a respeito de crenças entre indígenas brasileiros: análise de práticas terapêuticas de um pajé tukano. *Index Psicologia - Periódicos técnico-científicos* [Internet]. 2003 Jun [cited 2020 May 24]; 11(1): 101-115. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/mtci/resource/pt/lil-410199#>.
18. Scalco N, Rodrigues E. Changes in the acquisition and consumption of food plants and their relationship with indigenous perceptions of health in a Guarani village, São Paulo, Brazil. *Public Health Nutr.* [Internet]. 2013 Oct [cited 2020 May 24]; 16(10): 1820-6. Available from: <https://pesquisa.bvsalud.org/controlcancer/resource/pt/mdl-23026131>
19. Stalino PM, Marcos LLRC. Onde e Como se Suicidam os Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: Confinamento, Jejuvy e Tekoha. *Psicol. cienc. Prof.* [Internet]. 2019 Aug [cited 2020 May 24]; 1982-3703 Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932019000500301&lng=en&nrn=iso. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003221674>
20. Souza PG, Cardoso AM, Sant’Anna CC, March MMFBP. Infecção respiratória aguda baixa em crianças indígenas guarani, Brasil. *Rev. paul. pediatr.* [Internet]. 2018 June [cited 2020 May 24]; 36(2): 123-131. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-05822018000200123&lng=en. Epub Mar 29, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0462;2018;36;2;00017>.
21. Boaretto JD, Molena-Fernandes CA, Pimentel GGA. Estado nutricional de indígenas Kaingang e Guarani no estado do Paraná, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva* [Internet]. 2015 Aug [cited 2020 May 24]; 20(8): 2323-2328. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015000802323&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015208.14462014>.
22. Oliveira RC. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Rev. antropol.* [Internet]. 6jun.1996 [citado 24maio2020];39(1):13-7. Available from: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111579>
23. Caprara A, Landim LP. Etnografia: uso, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. *Interface (Botucatu)* [Internet]. 2008 June [citado 2020 Mai 24]; 12(25): 363-376. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832008000200011&lng=en. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832008000200011>.
24. Fundação Nacional do Índio [página na internet]. FUNAI. Guarani-História e cultura [acesso em: 20 de Fevereiro de 2020]. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani?start=1#>
25. Pellon Luiz HC, Vargas LA. Cultura, interculturalidade e processo saúde-doença: (des)caminhos na atenção à saúde dos Guarani Mbyá de Aracruz, Espírito Santo. *Physis: Revista de Saúde Coletiva.* [Internet]. 2010 Dez [citado 2020 Maio 21]; 0103-7331 Disponível em: <http://ds.saudeindigena.icict.fiocruz.br/handle/bvs/976>
26. Costa GMC, Gualda DMR. Antropologia, etnografia e narrativa: caminhos que se cruzam na compreensão do processo saúde-doença. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [Internet]. 2010 Dez [citado 2020 Maio 21]; 17(4): 925-937. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000400005&lng=pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702010000400005>.
27. Schaden E. Aspectos fundamentais da cultura Guarani. 3. ed. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
28. Peirano MGS. A análise antropológica de rituais. *Série de Antropologia.* Brasília: Universidade de Brasília, 2000.
29. Strauss CL. O feiticeiro e sua magia. In: *Antropologia estrutural.* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1985
30. Silva AEM. Naturologia e pensamento complexo. In: Rodrigues DMO, Hellmann F; Daré, PK, Wedekin LM. (Org.). *Naturologia: Diálogos e Perspectivas.* 1ed. Palhoça: Ed. Unisul, 2012. v. 1, p. 125-145.
31. Teixeira DV. Integralidade, interagência e educação em saúde: uma etnografia da naturologia [dissertação de pós-graduação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2013.
32. Teixeira DV. Tradicionalmente “moderno”: da imposição dos saberes mesmos à apropriação dos saberes outros. In: *Anais do Fórum conceitual de Naturologia*, 5. out 28-30; Palhoça (Br): SBNAT; 2014. p. 31-46.
33. Litaiff A. O sistema médico guarani. *Ver. Cie. Hum.* 1996; 14(19), 107-115.
34. Cunha VF, Scorsolini-Comin F. A Dimensão Religiosidade/ Espiritualidade na Prática Clínica: Revisão Integrativa da Literatura Científica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa.* [Internet]. 2019 Oct [citado 2020 Maio 21]; 1806-3446 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35419>
35. De Conto D, Hellmann F, Verdi MIM. O Trabalho do Naturólogo no Sistema Único de Saúde na Concepção de Naturólogos. *Cad Naturologia e Ter Complement.* 2013;2(2):33. [acesso em 1 de Setembro de 2021] Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/CNTC/article/view/1851>